

# TODAS AS ARTES

.....

**REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA**  
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 2, Mai.-Ago. 2024  
ISSN 2184-38052

# **RETÓRICAS (DENÚNCIAS) DO INVISÍVEL. MEMÓRIAS, IDENTIDADES, ESPAÇOS E RESGATES**

**RHETORIC (DENUNCIATIONS) OF THE INVISIBLE.**

**MEMORIES, IDENTITIES, SPACES AND RESCUES**

**RHÉTORIQUE (DÉNONCIATIONS) DE L'INVISIBLE. MÉMOIRES, IDENTITÉS, ESPACES ET SAUVETAGES**

**RETÓRICAS (DENUNCIAS) DE LO INVISIBLE. MEMORIAS, IDENTIDADES, ESPACIOS Y RESCATES**

**Paula Guerra**

**Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal**

A memória, sobretudo a memória coletiva, é um dos conceitos fundamentais na sociologia para entender como as sociedades se relacionam com o passado e como constroem narrativas que moldam suas identidades. Maurice Halbwachs (1990) é uma referência essencial ao discutir como a memória não é um fenómeno individual, mas socialmente mediado. Para Halbwachs (1990), as lembranças individuais estão sempre conectadas aos quadros sociais que as sustentam — seja através de rituais, símbolos ou tradições compartilhadas. A memória coletiva tem uma função política e cultural importante, pois é um meio através do qual os grupos constroem suas identidades e legitimações. Além disso, a memória coletiva atua como uma ferramenta de resistência e de contestação. Paul Ricoeur (2004) avança com este conceito ao abordar a memória como um espaço de disputa, onde diferentes narrativas sobre o passado competem pela hegemonia no presente. A memória não é neutra; ela é, em muitos casos, um campo de batalha do simbólico, onde vozes subalternas lutam para serem ouvidas contra as versões dominantes da história. No campo artístico, a representação de memórias pode ser vista como uma prática crítica. A arte - frequentemente - assume o papel de preservar, questionar ou subverter as narrativas oficiais, criando espaços para a expressão da memória coletiva marginalizada. Pierre Nora (1989) a este respeito, introduz o conceito de lugares de memória, onde monumentos, festividades e artefactos culturais se tornam focos de disputa sobre o significado do passado, contribuindo para a formação de identidades culturais contemporâneas.

[2] **RETÓRICAS (DENÚNCIAS) DO INVISÍVEL. MEMÓRIAS, IDENTIDADES, ESPAÇOS E RESGATES**• Paula Guerra



Figura 1: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

A noção de identidade, profundamente enraizada na sociologia cultural e nos estudos pós-coloniais, está vinculada ao entendimento de como os indivíduos e grupos constroem suas percepções de si mesmos em relação ao outro. Stuart Hall (1996) oferece uma perspetiva crítica sobre identidade, argumentando que ela não é fixa, mas sim um processo contínuo de construção e negociação, especialmente dentro das culturas pós-coloniais e globais. A identidade, para Stuart Hall (1996), é formada num espaço de diáspora, onde tradições locais se encontram e se reconfiguram em interação com fluxos globais de poder e cultura. Além disso, Anthony Giddens (1991) propõe que as identidades na modernidade tardia são reflexivas, ou seja, são continuamente reavaliadas e recriadas à medida que os indivíduos navegam pelas diferentes demandas e pressões das estruturas sociais contemporâneas (Guerra, 2018). No campo artístico, essa construção reflexiva da identidade é frequentemente visível em obras que questionam as fronteiras entre o público e o privado, o tradicional e o contemporâneo. Proximamente, a nossa reflexão acerca dos festivais de rock como memória e como identidade do contemporâneo é a concretização de tais inquietações (Guerra, 2024, 2016). Essas problematizações tiveram a sua sinédoque no Festival Paredes de Coura que se realiza desde 1993 no concelho de Paredes de Coura no Alto Minho, no Norte de Portugal (Guerra, 2023a, 2023b).



Figura 2: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a



Figura 3: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

O conceito de direito à cidade, desenvolvido por Henri Lefebvre (1968), é uma ferramenta crucial para entender as dinâmicas de poder no espaço urbano. Para Lefebvre (1968), a cidade não é apenas um aglomerado físico de edifícios e infraestruturas, mas um espaço socialmente produzido, onde as relações de poder, a luta de classes e os processos de exclusão e inclusão são continuamente negociados. O direito à cidade envolve o direito dos cidadãos de participarem ativamente na produção do espaço urbano, de moldá-lo de acordo com suas necessidades e de resistir às forças capitalistas que mercantilizam e privatizam o espaço.

David Harvey (2012) amplia esse conceito, afirmando que o direito à cidade é, em última instância, o direito de transformar a vida urbana de uma maneira que promova a justiça social. Harvey enfatiza que as cidades contemporâneas estão frequentemente estruturadas para beneficiar os interesses das elites económicas e políticas, enquanto os grupos marginalizados são expulsos das áreas centrais e privados dos recursos necessários para uma vida digna. Nesse contexto, o espaço urbano se torna um campo de batalha onde diferentes atores sociais lutam por visibilidade, por recursos e por direitos. A arte e as práticas culturais desempenham um papel fundamental nessas lutas. O espaço urbano, como argumenta Michel de Certeau (2010), é também um espaço de práticas cotidianas de resistência, onde os indivíduos, através de pequenos gestos e táticas, subvertem o uso dominante do espaço. A arte pública, os murais e as intervenções artísticas no espaço urbano são exemplos de como a cultura visual pode reconfigurar o entendimento do espaço e reivindicar o direito à cidade para aqueles que foram excluídos (Guerra, 2019).

A decolonialidade, uma corrente teórica amplamente discutida por autores como Aníbal Quijano (2000) e Walter D. Mignolo (2011), questiona as continuidades coloniais no mundo contemporâneo, especialmente no campo do conhecimento, da cultura e das relações de poder globais. A decolonialidade visa dismantlar as estruturas de poder e de saber impostas pelo colonialismo, enfatizando a necessidade de pensar a partir de perspectivas do Sul global e de experiências que foram historicamente marginalizadas. No campo das artes, a estética decolonial envolve uma crítica radical às representações eurocêntricas e aos modos de produção cultural que perpetuam as hierarquias coloniais (Guerra & Oliveira, 2022). Frantz Fanon (2002) já havia apontado como o colonialismo não só impôs uma dominação económica e política, mas também uma dominação cultural, que moldou as subjetividades e as percepções de identidade. A arte decolonial procura subverter essas representações, criando formas estéticas que reflitam as experiências e as visões de mundo dos povos colonizados.

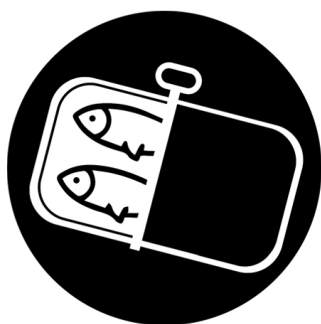




Figura 4: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a



Figura 5: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

O conceito de *female gaze* é uma resposta crítica ao conceito de *male gaze*, cunhado por Laura Mulvey (2001) no contexto dos estudos cinematográficos. Mulvey argumenta que, historicamente, as representações visuais, especialmente no cinema, foram estruturadas para atender ao olhar masculino heterossexual, objetificando o corpo feminino e reproduzindo as relações de poder patriarcais. O *female gaze*, ao contrário, propõe um novo olhar que desafia essa objetificação e constrói representações mais complexas do desejo e da identidade de gênero. Ao reverter a dinâmica tradicional, o *female gaze* não apenas reinterpreta a representação do corpo masculino, mas também cria um espaço para a agência feminina, onde o sujeito feminino deixa de ser mero objeto e assume um papel ativo na construção das narrativas visuais. Esse conceito pode ser expandido para outras formas de arte, onde o corpo, seja masculino ou feminino, é representado de maneiras que rompem com as normas patriarcais e propõem novas formas de subjetividade.

A transdisciplinaridade, conforme definida por Edgar Morin (1999), é uma abordagem que transcende as fronteiras entre disciplinas e promove a integração de diferentes áreas de conhecimento para abordar problemas complexos. No contexto das ciências sociais e das artes, essa abordagem é fundamental para explorar questões sociais de maneira mais holística e inovadora. A criatividade, nesse sentido, não é apenas um meio de expressão individual, mas também uma ferramenta de compreensão e intervenção no mundo social (Guerra, 2024). Ao integrar a arte com a sociologia, por exemplo, pode-se fomentar novas formas de engajamento crítico com as questões contemporâneas, promovendo uma educação que vá além dos limites impostos pelas disciplinas tradicionais e que incentive formas de pensamento mais abertas e reflexivas.

O presente Volume reúne um conjunto de artigos que exploram, sob diferentes lentes sociológicas e artísticas, a complexa relação entre cultura, memória, espaço urbano e identidade. Não só exploram como denunciam e resgatam. O fio condutor que une estas abordagens transdisciplinares é o desejo de revelar e entender como as práticas culturais e as expressões artísticas funcionam tanto como ferramentas de resistência quanto meios de construção de subjetividades e narrativas alternativas. Ao abordar temas que vão desde o periodismo alternativo, passando por experiências pedagógicas transdisciplinares, o decolonial e as festas populares, estes textos lançam luz sobre as múltiplas formas de significação cultural contemporânea.

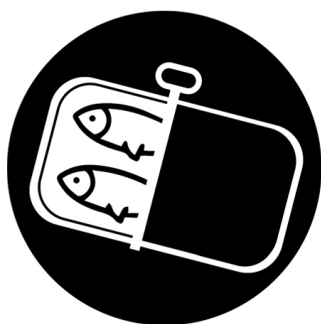




Figura 6: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.



Figura 7: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

O primeiro artigo intitulado "Periodismo alternativo y música popular: representación, memoria y construcción de un lugar propio", de Josep Pedro discute como o periodismo alternativo emerge como espaço de resistência cultural e política, dando visibilidade a vozes marginais e movimentos populares. A música popular é tratada como uma plataforma que dialoga com as representações sociais e as memórias coletivas, criando um lugar próprio de contestação e afirmação identitária. Esta abordagem revela como a cultura de massas pode ser subvertida, assumindo um papel crucial na construção de narrativas alternativas e resistências culturais. Segue-se o artigo de Maria de Fátima Lambert: "Georreferências estéticas e crítico-decoloniais (do feminino) na obra de Yinka Shonibare. Aqui, esta professora, investigadora e curadora analisa a obra deste artista britânico-nigeriano sob uma

[8] **RETÓRICAS (DENÚNCIAS) DO INVISÍVEL. MEMÓRIAS, IDENTIDADES, ESPAÇOS E RESGATES**• Paula Guerra

perspetiva decolonial e feminista, explorando as suas intervenções estéticas como crítica ao colonialismo e às noções ocidentais de poder. Lambert enfatiza a dimensão decolonial do trabalho de Shonibare, que mistura elementos do passado colonial europeu com questões contemporâneas de identidade e poder, criando uma reflexão crítica sobre o papel do feminino como território simbólico de luta e ressignificação.

Marcelo de Sousa Neto apresenta-nos "Festas do povo: significação histórica de festas populares em bairros de periferias do Nordeste do Brasil": neste ensaio, revela-nos como as festas populares nas periferias nordestinas são espaços de memória coletiva e resistência sociocultural. As festas, longe de serem meras celebrações, funcionam como um instrumento de negociação identitária, onde as comunidades periféricas reconstruem suas histórias e reafirmam sua existência frente à marginalização e à invisibilidade social (Sousa Neto, 2024). Inspirado por autores como Henri Lefebvre, que teorizou o direito à cidade, Sousa Neto destaca o caráter reivindicativo desses eventos culturais como afirmação de um espaço de pertencimento.



Figura 8: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a

Em "Cria(r)tividade transdisciplinar: relato de experiência pedagógica entre a ilustração e a sociologia", Susana Januário e Susana Lopes da Silva apresentam uma abordagem pedagógica inovadora que integra a arte da ilustração e a sociologia. A transdisciplinaridade emerge como uma forma de enriquecer tanto o processo educativo quanto a compreensão sociológica do mundo, promovendo uma prática criativa que transcende as fronteiras disciplinares tradicionais. Esta experiência pedagógica relembra-nos a importância da criatividade enquanto ferramenta para explorar questões sociais complexas, reforçando a noção de que as ciências sociais e as artes podem, juntas, fomentar novas formas de compreender e representar o mundo social.

Gabriela Massote Lima patenteia-nos com o artigo "Female Gaze: O corpo masculino enquanto estratégia": neste, discute a subversão das narrativas tradicionais de objetificação do corpo feminino, invertendo o olhar para o corpo masculino. O conceito de "*female gaze*", ainda pouco explorado, permite uma análise crítica das dinâmicas de poder na representação do corpo, desafiando as normas patriarcais da imagem masculina e abrindo espaço para novas interpretações do desejo, do gênero e da identidade. Esta abordagem crítica coloca em evidência a importância de ressignificar os olhares dentro do campo das artes visuais, especialmente no que concerne às representações corporais.



Figura 9: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

Bruno Baptista apresenta o artigo denominado "As fragilidades persistentes no mundo da arte do jazz em Portugal e as estratégias *do it yourself* e *do it together*". Este artigo tem como objetivo revelar as principais fragilidades no mundo da arte do jazz em Portugal, ao analisar o alcance e os impactos efetivos das ações dos seus diversos agentes. Partindo da premissa de Becker (2008) de que um mundo da arte é constituído pela sinergia das ações dos seus agentes, Bruno Baptista analisa os impactos destes, tanto positivos quanto negativos, na manutenção e transformação deste mundo da arte. Concomitantemente, Bruno Baptista também identifica como os músicos de jazz entrevistados mobilizam estratégias de ação *do it yourself* e *do it together* para contornar ou acrescentar aos significados criados por outros agentes e para garantir a manutenção do mundo da arte sempre que os restantes agentes artísticos não conseguem assegurar os seus papéis.



Figura 10: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a.

Henrique Grimaldi Figueredo e Bruno Novaes apresentam-nos o primeiro registo de pesquisa: “O mundo como ateliê, o desenho enquanto método: a arte-etnografia de de brunøvaes”. Trata-se de um ensaio exemplar que nos transporta à sensibilidade dos fenómenos estéticos. Neste registo, a arte, não é apenas um resíduo ou espelhamento dos processos sociais, mas um fenómeno dotado de poderes de confirmação, legitimação, reprodução e/ou contestação. Olhar para a arte (para os espaços onde é criada) e para seus métodos (os dispositivos e ferramentas que ativa), significa olhar para a própria tessitura ou desconstrução das relações e narrativas sociais, sendo e brunøvaes, nesse ínterim, verdadeiro etnógrafo de seu tempo. Finalmente, no Registo de Pesquisa, de André Granja voltamos mais uma vez à cidade sem nunca ter saído della. Em "O direito à cidade do Porto, um dualismo intemporal. Um exercício etnográfico sobre a situação dos sem-abrigos na cidade do Porto", André Granja examina as condições de vida dos sem-abrigo na cidade do Porto. Através de um olhar etnográfico, Granja ilumina as tensões entre o desenvolvimento urbano e a exclusão social, reiterando o direito à cidade como um conceito que continua a ser central nas lutas urbanas contemporâneas (Granja, 2024).



Figura 11: O património pode ser um festival. Festival Paredes de Coura 30 Anos  
Fonte: Guerra, 2023a

Este conjunto de obras oferece uma abordagem riquíssima sobre como os espaços culturais e sociais são construídos, negociados e contestados – nas suas memórias, identidades e disputas. Ao juntar arte e sociologia, esta revista busca promover uma reflexão profunda sobre a criatividade como ferramenta de resistência e transformação, tanto no plano individual quanto coletivo. Através destas perspectivas, somos convidados a reconsiderar as fronteiras entre o estético e o social, entre a cultura popular e a academia, revelando novas formas de pensar e criar no mundo contemporâneo.

**Porto, agosto de 2024.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- De Certeau, M. (2010). Walking in the city (1980). *Cultural Theory: An Anthology*, 264-73.
- Fanon, F. (2002). *Les Damnés de la terre*. La Découverte.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Editora Unesp.
- Guerra, P. (2024). Junta-te à tribo. Lazer, memória e patrimonialização dos festivais na contemporaneidade. Fontineles, C. C. da Silva, Aguiar Júnior, J. de A. Freitas & Meneses, L. S. S. Moraes (orgs.). *Ramificações da história: política, cultura e sociedade* (pp. 23-42). EdUESPI.
- Guerra, P. (coord.), Pinto, T., Gomes, A., Kuo Chen, C. & Pinto, C. (2023a). *30 Testemunhos. Do Rock ao Couraíso. Festival Paredes de Coura Património Cultural Imaterial*. Catálogo. Município de Paredes de Coura.
- Guerra, P. (coord.) (2023b). *Festival Paredes de Coura. 93:23. Do rock ao Couraíso*. Universidade do Porto – Faculdade de Letras.
- Guerra, P. (2019). Espaços liminares de sociabilidade contemporânea. O caso ilustrativo do Festival Paredes de Coura, Portugal. *Estudos de Sociologia, Recife*, 2 (25), 51-88.
- Guerra, P. (2018). Ceremonies of pleasure: An approach to immersive experiences at Summer Festivals. In: Simão, E., & Soares, C. (orgs.). *Trends, experiences, and perspectives in immersive multimedia and augmented reality* (pp. 122-146). IGI Global.
- Guerra, P., (2016). 'From the night and the light, all festivals are golden': The festivalization of culture in the late modernity. In: Guerra, P., & Costa, P. (orgs.). *Redefining art worlds in the late modernity* (pp. 39-67). Universidade do Porto – Faculdade de Letras.
- Guerra, P., & Oliveira, A. (2022). A sonic paradise in the countryside. Pop-rock festivals as drivers of creative tourism development in small cities and rural areas in the post-pandemic era. In: Woodward, I., Haynes, J., Berkers, P., Dillane, A., & Golemo, K. (orgs.). *Remaking culture and music spaces. Affects, infrastructures, futures* (pp. 137-149). Routledge.
- Halbwachs, M. (1990). Espacio y memoria colectiva. *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, 3 (9), 11-40.
- Hall, S. (1996). Who needs. *Identity*, 1-17.
- Harvey, D. (2012). *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. Verso.
- Lefebvre, H. (1968). *La vie quotidienne dans le monde moderne*. FeniXX.
- Mignolo, W. (2011). Epistemic disobedience and the decolonial option: A manifesto. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 1(2).

Mulvey, L. (2001). Unmasking the gaze: some thoughts on new feminist film theory and history. *Lectora: Revista de dones i textualitat*, (7), 05-14.

Nora, P. (1989). Between memory and history: Les lieux de mémoire. *Representations*, 26 (7), 24.

Quijano, A. (2000). *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. clacso.

Ricoeur, P. (2004). *Memory, history, forgetting*. University of Chicago Press.

## **Paula Guerra.**

Professora Associada de Sociologia da Faculdade de Letras e Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL-Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Cofundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: DIY, Alternative Culture & Society. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID:0000-0003-2377-8045.

## **Citação:**

Guerra, Paula (2024). Retóricas (denúncias) do invisível. Memórias, identidades, espaços e resgates. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 7 (2), 2-14 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav7n2a1>





